

MULHERES EM TRÂNSITO: GÊNERO E RACA NA OBRA DE CLORINDA MATTO DE TURNER

Thaís Mendes Moura Carneiro¹

Resumo: A investigação proposta neste artigo centra-se na análise da construção da trajetória e do imaginário sobre a escritora peruana Clorinda Matto de Turner, consagrada pioneira nos movimentos feminista e indigenista, na segunda metade do século XIX. Para tanto, concentrarmos nossa análise nas produções realizadas pela escritora em sua estadia em Buenos Aires enquanto exilada política. Tomamos a título de fontes para a compreensão de tais narrativas: a obra *Aves sin Nido* (1889), e o discurso *Las obreras del pensamiento de la América del Sur* proferido pela escritora no Ateneo de Buenos Aires, em 1895, e publicado no ano seguinte em seu periódico *Búcaro Americano*. Valemo-nos do aporte teórico da História Intelectual e da História Social das Mulheres a fim de compreender as discussões estabelecidas por essas literatas, a partir das discussões de Joan Scott, Verena Stolcke e Françoise Vergès.

Palavras-chave: História das Relações de Gênero; História Intelectual; escritas de si.

WOMEN IN TRANSIT: GENDER AND RACE IN THE WORK OF CLORINDA MATTO DE TURNER

Abstract: The research proposal in this article focuses on the analysis of the construction of the trajectory and imagination of the Peruvian writer Clorinda Matto de Turner, a renowned pioneer in the feminist and indigenous movements in the second half of the 19th century. Therefore, we focused our analysis on the productions carried out by the writer during her stay in Buenos Aires as a political exile. We investigate historical documents to understand such narratives: the romance *Aves sin Nido* (1889), and the speech "Las obreras de la prensa de la América del Sur", given by the writer at the Ateneo de Buenos Aires, in 1895, and published the following year in his periodical *Búcaro Americano*. We draw on the theoretical contribution of Intellectual History and the Social History of Women in order to understand the discussions based on these literati, based on the discussions of Joan Scott, Verena Stolcke and Françoise Vergès.

¹ Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Contato: thais.carneiro@usp.br.

Keywords: History of Gender Relations; Intellectual History; written.

Introdução

Palavras são uma guerra para mim.
 Ameaçam minha família.
 Para conquistar a palavra
 para descrever a perda
 arrisco perder tudo.
 Posso criar um monstro
 as palavras se alongam e tomam corpo
 inchando e vibrando em cores
 pairando sobre minha mãe,
 caracterizada.
 Sua voz na distância
 ininteligível iletrada.
 Estas são as palavras do monstro.
 (MORAGA, 1983)

A palavra como um risco, em que se rompem paradigmas e se borram fronteiras, uma ameaça familiar e social, a própria materialização de uma monstruosidade, trata-se de debate corrente ao se pensar a trajetória de mulheres literatas. De acordo com a historiadora francesa Michelle Perrot, o papel da palavra é ser uma arma poderosa de resistência. Desta forma, a oralidade e a escrita, instituindo-se uma via de transmissão de saberes, se constituíram como a possibilidade de existência de redes de sociabilidade e oposição à ordem masculina. Nesse sentido, as mulheres enfrentaram a interdição do acesso à escrita e aos espaços públicos (PERROT, 2012). Neste sentido, ao trazer a discussão sobre ser uma escritora e a necessidade de partilhar com o mundo as suas considerações, a intelectual estadunidense Gloria Anzaldúa (2000), de ascendência mexicana coloca que

O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” — o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito frequentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele “outro” e umas às outras. E em espirais que se alargam, nunca

retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu, primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a sobreviver. E aquelas que não sobrevivem? Os restos de nós mesmas: tanta carne jogada aos pés da loucura ou da fé ou do Estado. (p. 232)

Ao referir-se ao processo de escrita tal qual uma catarse, um modo de escrever a si mesma, Anzaldúa aponta a um desconforto social ao enxergar-se conforme estrangeira, com o Eu definido por outrem. Escrever torna-se uma possibilidade de construir a si mesma, retirar-se desta zona de não pertencimento.

Diante dessas interdições, porém, temos exemplos de *sujeitas históricas*² que por uma série de questões, puderam negociar a sua atuação em espaços de sociabilidade considerados masculinos, a fim de ter a própria produção literária. A colombiana Soledad Acosta de Samper, a cubana Gertrudis Gómez de Avellaneda, as peruanas Aurora Cáceres, Mercedes Cabello de Carbonera e Clorinda Matto de Turner, a brasileira Nísia Floresta, as espanholas Emilia Pardo Bazán, Baronesa de Wilson e Concepción Gimeno de Fláquer são exemplos dessa inserção social. Essas mulheres em trânsito, por mais que esquecidas pela historiografia, deixaram rastros, indícios, por meio dos quais é possível identificar a produção de narrativas sobre si e os espaços em que puderam se inserir, como os salões literários e ateneus (GINZBURG, 1990). Esses são exemplos de mulheres literatas e intelectuais, com trajetórias públicas retratadas na História, a título de personagens excepcionais e pioneras³. O

² Optou-se por utilizar o termo *sujeitas históricas* a fim de questionar o uso do gênero masculino como universal e demarcar uma perspectiva política feminista desta pesquisa.

³ A ideia de excepcionalidade e originalidade provém de determinados feitos realizados por essas literatas, a exemplo da trajetória da peruana Clorinda Matto de Turner que lhe permitiu ser a primeira membro do Ateneo de Buenos Aires e também a primeira a palestrar nesta instituição, em 1895. No caso da peruana Aurora Cáceres, a sua jornada na Sorbonne como a primeira falante de espanhol a palestrar na universidade, tendo discutido sua tese *Feminismo em Berlim*, em 1905. Já a biografia da colombiana Soledad Acosta de Samper, nos permite compreender uma consagração pelos seus pares à medida que é convidada pelos reis espanhóis a participar das comemorações do IV Centenário de Conquista da América, exercendo o papel de delegada da Colômbia e o convite a ser membro da Academia de História de Caracas, na Venezuela. Já no caso da argentina Juana Manuela Gorriti, sua vida

presente artigo centra-se na investigação da trajetória da literata peruana Clorinda Matto de Turner, tida como pioneira nos movimentos feminista e indigenista, na segunda metade do século XIX, a fim de discutir a presença dos debates acerca de raça e gênero. Contudo, lançamos olhar para o perigo do uso dos conceitos de excepcionalidade e de pioneirismo no intuito de explicar e justificar a jornada destas mulheres. Compreendemos que a mobilização dessas perspectivas simplifica as suas trajetórias, desconsiderando os seus papéis sociais e o contexto histórico-social em que estão inseridas, reduzindo-as a uma lógica de exceção e não de interlocutoras em debates políticos e sociais.

A escritora peruana foi considerada a primeira mulher convidada a dar uma conferência no Ateneo de Buenos Aires, com o título de “Las obreras del pensamiento de la América del Sur”, no dia em que oficializaram a aceitação das mulheres na instituição, em 14 de dezembro de 1895. O crescimento do periódico *Búcaro Americano*, por ela dirigido, alicerçou as condições de realização deste convite⁴. Essa publicação é crucial para compreender a situação das escritoras latino-americanas em fins do século XIX (ZANETTI, 1994). Isto posto, a sua recepção valorosa em Buenos Aires é importante a fim de pensar sua trajetória enquanto uma periodista destacada no Peru. Matto de Turner teve de exilar-se devido às perseguições políticas, diante da sua proximidade com o presidente deposto, o general Andrés Avelino Cáceres, e o ataque empreendido contra à casa da escritora, seus manuscritos e à sua editora *La Imprenta Equitativa*, em Lima, em 1895.⁵ Com a ascensão de

de literata se entrelaçou com a sua consagração como anfitriã ao receber diversas personalidades, entre políticos e escritores, em seus salões literários.

⁴ O periódico *Búcaro Americano*, dirigido por Clorinda Matto de Turner, publicou cerca de 65 números, entre 1896 e 1908, tendo por enfoque a defesa da emancipação das mulheres e ser um espaço de produção da literatura latino-americana, principalmente, a produzida por mulheres.

⁵ A participação de Andrés Avelino Cáceres nas guerras do Pacífico, lhe rendeu autoridade e reconhecimento que o levou à presidência do Peru em dois mandatos. O seu segundo governo, guiado por um golpe de Estado, durou um curto período, entre 1894 e 1895, juntamente com uma guerra civil. Os conflitos culminaram com a volta do caudilhista Nicolás

Cáceres ao poder e a demonstração de apoio ao presidente e ao Partido Constitucional, Matto de Turner foi considerada inimiga do caudilho Nicolás de Piérola, e portanto, o alvo considerado foi a sede da editora. Por mais que a instituição tenha sido fundada junto ao seu irmão, o médico ginecologista David Matto, as decisões da escritora destacam-se com a existência do periódico cacerista bimensual *Los Andes*, dirigido por ela. Por outro lado, a especificidade de *La Imprenta Equitativa* em empregar apenas mulheres, principalmente aquelas que sofreram os reveses da Guerra do Pacífico ao não terem mais uma figura masculina junto a si, foi considerada uma ameaça à sociedade católica peruana (ÁLVAREZ CALDERÓN, 2018).

Em seus escritos, Matto de Turner afirmou ser a “*hija del corazón*” da literata argentina Juana Manuela Gorriti, a qual afirma ser sua mentora, desde a convivência no Peru⁶. Esta, por sua vez, consagrada por ser um elo de conexão entre literatos e políticos por meio de seus salões literários, possibilita a inserção da escritora peruana em distintas redes de sociabilidade, tanto em Lima quanto em Buenos Aires. O recurso utilizado pela escritora peruana de mencionar Gorriti a título de sua mentora é estratégia comum a outras literatas com o intuito de posicionar-se em um mundo de letras masculino e apontar uma narrativa de pertencimento a uma rede de sociabilidade.

Ao debruçarmo-nos sobre a trajetória de Clorinda Matto de Turner, compreendemos uma série de marcadores sociais da diferença: sua nacionalidade, seu gênero e a ausência de uma figura masculina a tutelá-la. A escritora peruana tornou-se viúva aos 29 anos de idade, com a morte do médico e comerciante britânico Joseph Turner, em 1881. De certo modo, a sua viudez permitiu sua inserção no mundo de letras à medida que seu célebre

de Piérola, que estava no exílio. Um novo golpe deu origem ao governo de Piérola, que se estendeu até 1899, e levou ao exílio da família Cáceres e de Clorinda Matto de Turner.

⁶A escritora argentina Juana Manuela Gorriti foi conhecida pelos salões literários promovidos em Buenos Aires e em Lima, local onde morou devido às rusgas em seu casamento com o capitão boliviano Manuel Isidoro Belzu, que liderou revoltas populares, como a Guerra da Confederação e a batalha de Ingavi, que o tornou coronel. Tornou-se presidente da Bolívia em 1851.

romance é publicado, "Aves sin Nido" (1889), uma das obras fundadoras do indigenismo peruano, em que narra a relação amorosa entre um homem branco e uma mulher mestiça. Por outro lado, a autora em suas cartas ao escritor peruano Ricardo Palma lamentou diversas vezes a morte de seu marido. Em uma dessas cartas enviada desde Arequipa, no Peru, em 1883, a escritora pontuou: "cuántas desgracias han pesado sobre mi corazón enlutecido de por vida. En Marzo del 81 perdí a mi esposo, cuya muerte me dejó en brazos de la orfandad y de la pobreza". (BATTICUORE, 2018, p. 169)

De acordo com a historiadora brasileira Lídia Possas, o desamparo vivido pela viúva estaria atrelado à ausência de um homem, assim, um novo matrimônio auxiliaria no alinhamento deste estado. A autora aponta de que forma as mulheres descasadas foram encaradas como um problema social.

As mulheres descasadas, sejam elas as solteiras e viúvas, representavam um sério problema para a sociedade, uma espécie de potencial ameaça ao rígido controle das emoções, sendo facilmente levadas à histeria, definida como uma doença provocada pela não satisfação das exigências dos instintos sexuais femininos. (POSSAS, 2008, p. 2)

A ausência da figura masculina apresenta um convite à desordem, de acordo com Possas, a partir do momento em que as mulheres necessitam deste a fim de conduzirem sua trajetória dentro das normas da sociedade patriarcal.

"Las obreras del pensamiento": Mapeamento de rede de sociabilidade por Clorinda Matto de Turner

A escritora peruana mapeou a rede de sociabilidade de literatas latino-americanas por meio da literatura de viagem com sua obra "Viaje de Recreo", dos seus discursos no Ateneo de Buenos Aires e nas produções do periódico "Búcaro Americano", em que se sobressai a sua defesa da educação e da profissionalização das mulheres. Isto posto, dedicamo-nos a analisar o seu discurso "Las obreras del pensamiento en la América del Sur", proferido em 14 de dezembro de 1895 no Ateneo de Buenos Aires:

Para ocuparnos, de una vez, del estado de la ilustración de la mujer americana, la buscaremos en aquellas que, porta-estandartes de la legión empeñada en la gran evolución social, han desafiado, desde la ira alta, hasta el ridículo bajo, para ir siempre adelante con la enseña civilizadora. Me refiero a las mujeres que escriben, verdaderas heroínas que, con el valor de Policarpa Salavarrieta, aceptando la muerte antes que delatar los secretos de su patria y con la convicción de los mártires en la verdad de la obra, luchan, día a día, hora tras hora, para producir el libro, el folleto, el periódico, encarnados en el ideal del progreso femenino. (MATTO DE TURNER, 1896, p. 10)

A escritora cita uma personagem histórica relevante para os conflitos de independência da Colômbia, Policarpa Salavarrieta, considerada heroína da resistência colombiana frente à reconquista espanhola de Nova Granada. Matto de Turner contextualizou a noção de “obreras del pensamiento” com a definição de trabalhadoras dispostas a transformar o seu Estado-nação por meio da Ilustração. Ao se referir às dificuldades do desenvolvimento de seus trabalhos em um meio intelectual, que as excluíram por serem do “bello sexo”, nota-se em seu discurso o entendimento da inserção social das mulheres de letras como um instrumento de modernização, rumo ao progresso entendido dentro de uma chave civilizatória. Porém, ao enunciar esta mensagem publicamente, a escritora peruana posiciona-se de forma negociada com o seguinte trecho do mesmo discurso:

Mujer, e interesada en todo lo que atañe a mi sexo, he de consagrarte el contingente de mis esfuerzos que, seguramente, en el rol de la ilustración que la mujer ha alcanzado en los postrimeros días del siglo llamado admirable, será un grano de incienso depositado en el fuego sacro que impulsa el carro del progreso, y, aunque éste no producirá la columna de luz que se levanta en los Estados Unidos del Norte, pretendiendo abarcar la América, él dará, siquiera, la blanquecina espiral que perfuma el santuario. (MATTO DE TURNER, 1896, p. 1)

A autora pontua que o papel das mulheres na Ilustração é ser um grão de incenso depositado no sagrado fogo do “carro do progresso”, em que a referência cultural era os Estados Unidos, mentores das demais nações americanas, considerando-os uma referência nesta narrativa. Nesse sentido, reforça-se o “pedir licença” como uma retórica de autonegação, termo proposto pela historiadora brasileira Stella Maris Scatena Franco, que permitiu

com que essas mulheres viajantes ganhassem espaço a partir de suas jornadas de literatas e escritoras, que pensam e articulam mudanças sociais, em meio a um contexto por vezes, ríspido a suas presenças. Por mais que tais personagens femininas tenham tido seus trabalhos reconhecidos à época, foi um exercício comum a retórica da autonegação (FRANCO, 2017), para que pudessem se posicionar em espaços canônicos, ao “pedir licença” e colocarem que em sua “humilde concepção” havia um tanto de produção a ser apresentada. Atualmente, por mais que tenham sido consagradas, tal valorização por vezes faz com que sejam alçadas ao perigoso espaço da excepcionalidade e pioneirismo, tornando a reflexão simplista sem considerar o contexto histórico-social em que estavam envolvidas.

O Outro e o Eu: um olhar para o indigenismo

De acordo com a historiadora francesa Françoise Vergès, a herança colonial pode ser lida como produtora da economia do extrativismo, que afeta a organização dos gêneros, dedicando-se à fabricação de feminilidades e masculinidades em que os indivíduos são compreendidos a partir da lógica de corpos-máquinas. Se outrora as mulheres escravizadas possuíam um alto valor de mercado por sua fertilidade e assim, também exerciam um trabalho reprodutivo por meio de uma série de violência; atualmente, a maternidade continua a ser lida de forma compulsória. Portanto, “aos olhos da supremacia branca, o gênero dos não-brancos é fixo e fluido, sendo o binarismo e a complementariedade de gênero um atributo do mundo branco” (VÈRGES, 2022, p. 140). Nesse sentido, a autora chama a atenção para a perspectiva de que os corpos racializados são corpos históricos, à medida que o patriarcado é racializado. Ao racializar estes corpos, são questionados elementos como o gênero e o sexo, classificando-os de forma hierárquica em que os não-brancos são lidos de forma inferiorizada aos brancos. Tal pressuposto é carregado pela herança histórica

e simbólica do escravismo, marcado pelo conceito de extrativismo, segundo Vèrges (2022).

Extrair, até o esgotamento, a força vital e a energia dos corpos pretos e racializados, extrair do ventre das mulheres pretas as vidas a serem exploradas, extrair todas as riquezas do solo e do subsolo, danificar os corpos, a terra, os rios e os mares, os animais e as plantas, renomear tudo, roubar, pilhar, violar, drenar, obliterar: eis o programa do escravismo, do colonialismo, do imperialismo e do capitalismo racial.” (p. 137)

François Vergès discute um esgotamento nos campos da natureza e da cultura, que acabou por nos constituir enquanto seres sociais, à medida que o programa do escravismo e do (neo) colonialismo ainda permanece por meio de um capitalismo racial. Esses corpos racializados ainda considerados disponíveis, são negociados e compreendidos como a serviço de Estados-nação que rejeitam a sua existência. Ao pontuar que os corpos negros masculinos são destituídos de gênero e feminizados, ao serem racializados, Vèrges aponta que o esgotamento também se estabelece sobre as mulheres não racializadas.

Em meio a este esgotamento, Matto de Turner desenvolveu sua jornada enquanto literata. O fato de ser uma mulher branca da pequena burguesia lhe dotou de certos privilégios e inserções, ao mesmo tempo também que buscou ganhar a vida a partir dos seus escritos, à medida que a crise financeira instalou-se em sua vida com a viudez. Um dos grandes elementos de sua trajetória foi o olhar para os povos indígenas no Peru, uma análise incomum ao observar o trabalho de seus pares. Sendo assim, “Aves sin Nido” (1899) não só marcou o início de sua carreira, mas consagrou-a como uma das pioneiras no movimento indigenista. O romance histórico narra o encontro de dois amantes, um homem branco e uma mulher mestiça, uma metáfora da colonização que foi considerada controversa. O seu tom político ao discutir os abusos perpetrados por parte dos sacerdotes e de uma elite local causou incômodo. Sua proximidade com a temática indígena parte de um lugar de afetividade já que aprendeu a língua quéchua na infância ao ser criada em

uma fazenda no interior do Peru, tornando-a posteriormente uma tradutora do castelhano para quéchua.

Posicionando-se de forma crítica, Matto de Turner denunciou a forma com a qual a sociedade peruana tratava os indígenas e as mulheres, e pontuou qual o seu propósito com o romance:

Proemio

Si la historia es el espejo donde las generaciones por venir han de contemplar la imagen de las generaciones que fueron; la novela tiene que ser la fotografía que estereotipe los vicios y las virtudes de un pueblo, con la consiguiente moraleja correctiva para aquéllos y el homenaje de admiración para éstas. Es tal, por esto, la importancia de la novela de costumbres, que en sus hojas contiene muchas veces el secreto de la reforma de algunos tipos cuando no su extinción.

En los países en que, como el nuestro, la LITERATURA se halla en su cuna, tiene la novela que ejercer mayor influjo en la morigeración de las costumbres; y, por lo tanto, cuando se presenta una obra con tendencias levantadas a regiones superiores a aquéllas en que nace y vive la novela cuya trama es puramente amorosa o recreativa; bien puede implorar la atención de su público para que extendiéndole la mano la entregue al pueblo. (MATTO DE TURNER, 1889, p. 94)

Com a proposta ousada de maximizar as contradições sociais, a escritora peruana se vale da prática corrente, que é o “cuadro de costumbres” no intuito de apontar as desigualdades sociais que observa, vivendo em Tinta, uma cidade do interior do Peru. Contemporânea à Matto de Turner, temos a trajetória da romancista e periodista Mercedes Cabello de Carbonera.

O “cuadro dos costumbres” expõe as relações estabelecidas entre as romancistas e a sociedade que, nos países latinoamericanos no século XIX, colocando, como um ponto fundamental, o fato de definir, segundo os valores da época de cada autora, as normas de ética e moral imperantes na sociedade peruana descrita nos diversos romances. O costumbrismo não trata-se de um movimento peruano, mas partilha as influências no mundo hispano-americano, como pontua a historiadora Edméia Ribeiro. A historiadora Edméia Aparecida Ribeiro analisou como a construção imagética da Espanha consta também na coleção “Las mujeres españolas, portuguesas y americanas”, produzida nos anos 1870, com edição de Don Miguel Guijarro.

Publicada em quatro volumes, sua narrativa trata-se da Espanha do ponto de vista cultural, fortalecendo o discurso nacional.

De acordo com Ribeiro, na coleção “Las mujeres españolas”

Percebem-se destacadas, nos artigos que referenciam a Espanha, mulheres representadas pelos atributos físicos – beleza, formosura, graça –, morais – maternidade, educação, altruísmo – e vinculadas ao progresso, honra da família e da pátria. Nas gravuras espanholas, foram litografadas imagens de mulheres comuns, revelando ambientes, lugares, funções, atividades e a singularidade dos trajes femininos. (RIBEIRO, 2009, p. 83)

Deslocando o nosso espaço de análise para refletir sobre as colocações de Clorinda Matto de Turner sobre a sociedade peruana, entendemos o uso da primeira pessoa neste prefácio é interessante a ponto de pensarmos o quanto a escritora peruana assume voz própria, marcada pela denúncia:

(...) y aun cuando no fuese otra cosa que la simple commiseración, la autora de estas páginas habrá conseguido su propósito, recordando que en el país existen hermanos que sufren, explotados en la noche de la ignorancia; martirizados en esas tinieblas que piden luz; señalando puntos de no escasa importancia para los progresos nacionales y haciendo, a la vez, literatura peruana. (MATTO DE TURNER, 1889, p. 94)

Ao referir-se à ausência de luz causada pela “noche de la ignorancia”, em que os irmãos peruanos são explorados, a escritora defende a literatura peruana com o objetivo de alcançar o progresso nacional, ao trazer à tona essas desigualdades. Por outro lado, salientamos que sua articulação não se restringe ao passado colonial. A sua denúncia refere-se também à sociedade peruana de fins do século XIX.

¿Quién sabe si después de doblar la última página de este libro se conocerá la importancia de observar atentamente el personal de las autoridades, así eclesiásticas como civiles, que vayan a regir los destinos de los que viven en las apartadas poblaciones del interior del Perú?

¿Quién sabe si se reconocerá la necesidad del matrimonio de los curas como una exigencia social?

(...) Amo con amor de ternura a la raza indígena, por lo mismo que he observado de cerca sus costumbres, encantadoras por su sencillez, y la abyección a que someten esa raza aquellos mandones de villorrio, que si varían de nombre no degeneran siquiera del epíteto de Tiranos. No otra cosa son, en lo general los curas, gobernadores, caciques y alcaldes. (MATTO DE TURNER, 1889, p. 93-94.)

Ao questionar o poder exercido por autoridades e clérigos, pontuando os povos indígenas, aqueles em situação de vulnerabilidade diante das decisões destas outras camadas sociais, sua escrita transparece uma visão ainda idílica e romantizada desses povos, em uma relação paradoxal diante da construção de identidade diante a qual tece críticas. Essa construção se dá de modo socializado e processual. Neste sentido, por mais que a escritora peruana traga uma narrativa de denúncia, sua experiência social compactua com a construção de identidade, que se propõe a combater.

Ao refletirmos sobre estas diferenciações, de acordo com o antropólogo congolês Kabengele Munanga (2008), “trata-se, de fato, de categorias cognitivas largamente herdadas da história da colonização, apesar da nossa percepção da diferença situar-se no campo do invisível” (p. 42). Isto posto, a discussão deve centrar-se no conteúdo ideológico e não nos aspectos biológicos abordados. Este campo do invisível, alimentado pelas diferenciações racistas propostas a partir da colonização, condicionou a forma de percepção das diferenças como um problema, uma fragilidade social a ser investigada.

Esse reconhecimento hierárquico dos chamados marcadores da diferença, à medida que há essa percepção, vale-se de conceitos biológicos arraigados e problematizados, porém que carregam consigo a colonialidade do saber, um tipo de racionalidade técnico-científica, pautada pelo colonialismo. Isto posto, a antropóloga dominicana Ochy Curiel pontua:

Com o fim do colonialismo como constituição geopolítica e geohistórica da modernidade ocidental europeia, a divisão internacional do trabalho entre centros e periferias, assim como a hierarquização étnico-racial das populações e a formação dos estados-nação na periferia, não se transformou significativamente. (2020, p. 177-78).

Destarte, a herança colonial se manifesta diferentemente, por meio da forma de enxergar estes corpos racializados e a consolidação da economia do extrativismo, de acordo com Françoise Vergès. Diante deste contexto, Matto de Turner desenvolveu sua trajetória de literata, discutindo o papel de

grupos marginalizados da sociedade, a exemplo dos indígenas e das mulheres, conquistando um espaço incomum apropriado ao exercício da função de escritora e sustentando-se financeiramente a partir de seus próprios ganhos.

Considerações Finais

A trajetória da literata peruana marcada por sua inserção em distintas redes de sociabilidade, em Buenos Aires e em Lima, tendo vivido os percalços da viuez e do exílio político, interessa-nos pela sua capacidade de articulação social ao constituir redes de sociabilidade intelectual feminina, prescindindo de uma figura masculina que a chancele. Por mais que personagens femininas, a exemplo de Matto de Turner tenham tido seus trabalhos reconhecidos à época, foi um exercício extremamente comum a retórica da autonegação. Não lemos sua trajetória por uma perspectiva de pioneirismo ou excepcionalidade, pois compreendemos que trata-se de uma visão reducionista de sua capacidade de negociação e também uma espécie de des-historização ao não considerar o conceito histórico-social em que estavam inseridas.

Ao se referir às dificuldades do desenvolvimento de seus trabalhos em um meio intelectual, que a excluía por serem do “*bello sexo*”, e restringia a sua capacidade de profissionalização, nota-se em seus escritos, o entendimento da inserção social das mulheres de letras com o intuito de ser um instrumento de modernização, rumo ao progresso entendido dentro de uma chave civilizatória. Apesar de considerar a civilização um caminho a ser seguido, a escritora peruana incluía neste processo de desenvolvimento, personagens considerados a antítese do progresso, indígenas e mulheres, como detentores de agência e capazes de produzir conhecimento.

ÁLVAREZ CALDERÓN, Francesca Denegri. *Semblanza de la Imprenta La Equitativa (1892-1895)*. En: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes - Portal Editores y Editoriales Iberoamericanos (siglos XIX-XXI) - EDI-RED: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/imprenta-laequitativa-1892-1895-semblanza-888909/>. 2018.

ANZALDÚA, Gloria. Falando Em Línguas: Uma Carta para as Mulheres Escritoras do Terceiro Mundo. In: *Revista Estudos Feministas*, 8, nº. 1, 2000.

BATTICUORE, Graciela. La vida en las cartas: Ricardo Palma entre escritoras. *Revista Landa*, v. 6, n. 2, 2018.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 17/18, pp. 09-79, 2002.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina. *Cadernos Pagu*. 2017, n.50.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História*. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MATTO DE TURNER, Clorinda. *La Mujer Moderna. Búcaro Americano. el periódico de las familias*, 15 de setembro de 1906.

_____. Las obreras del pensamiento en la América del Sur. *Búcaro Americano. el periódico de las familias*, fevereiro 1.1 (1896): 5-14.

_____. *Viaje de Recreo: España, Francia, Inglaterra, Suiza y Alemania*. Valencia: F. Sempere y Compañía, 1909.

_____. *Aves sem Ninho (1899)*. Tradução, notas e estudo crítico. Tradução Roseli Barros Cunha. Curitiba: Editora CRV, 2020.

MORAGA, Cherrie. *It's the Poverty*. In: *Loving in the War Years: Lo que nunca pasó por tus labios*. Boston: South End Press, 1983.

MUNANGA, Kabengele. *Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 3.ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

POSSAS, Lídia M. V. Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis. *Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST7/Lidia_M_V_Possas_07.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2020.

RIBEIRO, Edméia Aparecida. Las mujeres españolas, portuguesas y americanas en su historicidad. *Patrimônio e Memória (UNESP)*, v. 5, p. 89-106, 2009. p. 83.

RUBIN, Gayle: O Tráfico de Mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. In: *Políticas do Sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.16, n.2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

STOLCKE, Verena: Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 20, 1991.

VERGÈS, Françoise. Extrair/Danificar/Reparar. *Revista de Antropologia da UFSCar*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 137–154, 2022. DOI: 10.52426/rai.v13i2.391. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/39>.